

O que podem o riso e o jogo palhacesco contra o que (nos) mata?

Luciane Olendzki

Para citar este artigo:

OLENDZKI, Luciane. O que podem o riso e o jogo palhacesco contra o que (nos) mata?. **Urdimento** – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 1, n. 46, abr. 2023.

 DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/1414573101462023e0108>

Este artigo passou pelo Plagiarism Detection Software | iThenticate



A Urdimento esta licenciada com: [Licença de Atribuição Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) – (CC BY 4.0)



O que podem o riso e o jogo palhacesco contra o que (nos) mata?¹

Luciane Olendzki²

Resumo

O artigo, inicialmente, aborda a morte como tema de espetáculos palhacescos realizados pela autora e palhaça em sua pesquisa de doutorado, dentro de uma perspectiva entrelaçada com o pensamento trágico da afirmação da vida em Nietzsche. Diante do acirramento da crise sanitária e social eclodida na pandemia por Covid-19 no país, o enfrentamento da morte por meio da poética cômica e palhacesca passa a ser considerado sob novos ângulos e questionamentos pela autora, tendo em vista a necropolítica (Mbembe, 2016) escancarada e imperante do governo de extrema-direita na presidência do Brasil no período. A partir desse contexto, são colocadas algumas questões para a criação artística sobre como enfrentar o que (nos) mata, entristece e oprime, através do jogo e da produção de humor na arte palhacesca, a favor da vida.

Palavras-chave: Arte palhacesca. Morte. Riso. Afirmação da vida.

What can laughter and clowning do against what kills (us)?³

Abstract

The article initially addresses death as the theme of clown shows performed by the author and clown in her doctoral research, within a perspective intertwined with Nietzsche's tragic thought in the affirmation of life. Faced with the worsening of the health and social crisis that erupted in the COVID-19 pandemic in the country, the confrontation of death through comic and clown poetics comes to be considered from new angles and questions by the author, in view of the of the ostentatious and dominant necropolitics (Mbembe, 2016) of the far-right government in the presidency of Brazil in the period. From this context, some questions are posed about artistic creation, such us how to face what kills (us), saddens and oppresses (us), through play and creation of humor in clown art in favor of life.

Keywords: Clown art. Death. Laughter. Affirmation of life.

¹ Revisão ortográfica e gramatical do artigo realizada por Jefferson Vasques Rodrigues graduado em Letras/Licenciatura pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

² Doutorado em Artes da Cena, pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestrado em Educação, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Graduação em Artes Cênicas – Licenciatura, pela UFRGS. Palhaça, atriz, diretora e professora de Artes Cênicas.  luquerubim@hotmail.com
 <http://lattes.cnpq.br/9511717477962062>  <https://orcid.org/0000-0002-4146-4456>

³ Tradução do resumo e palavras-chave para inglês e espanhol por Regina Majerkowski, Bacharel em Letras, com habilitação em português e inglês pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).



¿Qué pueden hacer la risa y el juego payasesco contra lo que (nos) mata (a nosotros)?

Resumen

El artículo aborda inicialmente la muerte como tema de los espectáculos de payasadas realizados por la autora y payasa en su investigación doctoral, dentro de una perspectiva entrelazada con el pensamiento trágico de afirmación de la vida en Nietzsche. Ante el recrudecimiento de la crisis sanitaria y social desatada por la pandemia del COVID-19 en el país, el enfrentamiento de la muerte a través de la poética cómica y payasesca empieza a ser considerado desde nuevos ángulos y cuestionamientos por la autora, frente a la necropolítica (Mbembe, 2016) explícita y dominante del gobierno de extrema derecha en la presidencia de Brasil en el período. Desde ese contexto, se plantean algunas preguntas sobre la creación artística, siendo una de ellas cómo enfrentar lo que (nos) mata, entristece y oprime (a nosotros), a través del juego y la producción de humor en el arte payasesco en favor de la vida.

Palabras clave: Arte de la payasada. Muerte. Risa. Afirmación de la vida.



Pontos de partida: a morte e a afirmação da vida na poética palhacesca

Em minha pesquisa de doutorado⁴ desenvolvi relações entre o pensamento extemporâneo acerca do trágico da afirmação da vida em Nietzsche e a poética da palhaçaria no teatro, campo de minha formação e atuação profissional como palhaça.

A pesquisa envolveu investigação empírica com a realização de exercícios de composição palhacesca que resultaram em quatro espetáculos⁵. Dois destes foram analisados na tese por tratarem sobre a morte – temática eleita como de maior interesse para os processos de criação e composição palhacescas e as questões filosóficas relacionadas à afirmação da vida, no tensionamento entre morte e vida, trágico e cômico.

Os espetáculos *Do pó ao poporopó: funeral clown*⁶ (2014), com minha direção e o solo *Pesa-me Mucho*⁷ (2015), com minha atuação e direção, apresentam situações específicas de velório, nas quais se encara a morte com humor em prol da valorização da vida. Aportando uma visada cômica sobre a dor, o luto, os sofrimentos, a desmedida, a precariedade, o medo e o absurdo do ser humano diante da morte. Nas situações de velório, através do jogo e da alegria de viver das palhaças e dos palhaços, buscamos subverter a negatividade e a seriedade em torno da morte, em que o trágico ganha sua superficialidade cômica e grotesca. Conforme Bolognesi (2018, p. 90), “o grotesco apresenta o grau mais elevado do

⁴ Este artigo parte de minha pesquisa de doutorado *O trágico alegre e a afirmação da vida na poética do palhaço: exercícios e composições clownescas* (2019), no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com orientação da Profa. Dra. Verônica Fabrini Machado de Almeida.

⁵ Os espetáculos realizados e não analisados na tese foram: 1) *Enfim Sós: uma tragicomédia clownesca*, com atuação de Fábio Castilhos e Melissa Dornelles, assistência de direção de Giovana Zóttis e minha direção (2015-2017). Cf. <<https://espetaculoenfimsos.blogspot.com/2015/06/>>; 2) *Circo da Miséria*, concepção e atuação de Jeff Vasques, com minha orientação de atuação e de dramaturgia (2015- atual). Cf. <<https://www.eupassarinho.com.br/circodamiseria>>. Acesso em: 19 jan. 2023.

⁶ Com atuação de graduandos do curso de Artes Cênicas da UNICAMP no período: Ana Carolina Salomão, Daniel Tonsig, Lucas Sequinato, Taiane Raffa, Virgílio Guasco e Jeff Vasques (este sem vínculo discente). O processo envolveu formação em palhaçaria, seguida de laboratórios de composição palhacesca, sob minha orientação, com apresentações públicas e montagem do espetáculo final, integrante da pesquisa, com realização através de projetos selecionados nos editais Aluno Artista do Serviço de Apoio ao Estudante (SAE) da UNICAMP, nos anos de 2013 e 2014.

⁷ O espetáculo *Pesame Mucho* foi realizado e cumpriu circuito de apresentações em Campinas (SP) através de financiamento obtido pelo edital do Fundo de Investimentos Culturais de Campinas (FICC), ano de 2015.

exagero [...] é cômico quando revela os defeitos e encobre os princípios espirituais”. Com o jogo dos palhaços e das palhaças, na paródia de um velório em interação com o público das ruas, apostamos no riso como potência vital de transmutação e regeneração nas inevitáveis transpassagens pelos ciclos de morte-e-vida da existência humana.

Ambos espetáculos foram feitos para serem apresentados na rua e em espaços públicos abertos. As apresentações nos mostraram que a abordagem da morte, por uma visada cômica pautada na poética, na improvisação e no jogo palhacescos, é um canal potente e controverso de relação com o público. A figura do palhaço, da palhaça – símbolo do riso e da alegria – (contra)posta junto da morte na encenação cômica de um rito funeral (velório), com um caixão de aspecto realista em plena rua como elemento cenográfico principal, não deixava de gerar estranhamento no público. Em ambos espetáculos investiu-se em uma dinâmica de dissonâncias e compostos grotescos, entre riso e pranto, prazer e dor, fantasia e cotidiano, jogo infantil, festa e rito funerário, morte e vida – tanto na encenação, quanto no jogo e na atuação dos palhaços e palhaças.

Figura 1 – Espetáculo *Do Pó ao Poporopó: funeral clown* (2014), no centro da cidade de Campinas (SP). Na foto - palhaça Tulipa Xicota (Ana Carolina Salomão) e palhaço Virgulino (Virgílio Guasco). Foto: Natasha Mota.



As ruas e espaços públicos das cidades (especialmente das capitais) têm se tornado lugares de medo, violência e miséria, onde não raro andamos com desconfiança do outro, alertas e ao mesmo tempo fechados(as) às interações, com medo de ser roubada(o), violentada(o) e até morta(o) por alguém. Assim, busca-se a autopreservação, também via a insensibilidade pelo o que aí está, passa e acontece. Parece que “como” vamos indo, em um estado de sobrevivência, vamos mais próximos da morte, tomados(as) por ela ou em uma espécie de amortecimento do sensível, em automatismo e indiferença, diante da realidade que se apresenta.

Portanto, nos instigou perceber que do caixão mortuário posto na rua pelos palhaços e palhaças nos espetáculos integrantes da pesquisa, no jogo com a morte para paradoxalmente estar mais próximos(as) da vida, saíram risos, brincadeiras, prazer e partilhas de afetos, nos encontros e interações com o público. Assim, intervimos no cotidiano e nos espaços públicos de praças, ruas e feiras da cidade de Campinas (SP), construindo espaços-outros de convivência e relações, com risos e reflexão com diversão, também, sobre temas duros que fazem parte do existir e nos impele a re-existir junto da arte palhacesca em aliança com a vida.

Figura 2 – Espetáculo *Do Pó ao Poporopó: funeral clown* (2014), no centro da cidade de Campinas (SP). Foto: Natasha Mota.





Nas composições palhacescas da pesquisa, a morte foi tratada como parte inerente à vida e ao viver, junto da perspectiva nietzschiana da afirmação trágica da vida. Na última fase da produção filosófica de Nietzsche, o pensamento sobre o trágico ganha uma interessante conotação e virada, em que é associado à alegria, ao riso, à paródia e à afirmação da vida. O filósofo concebe o trágico dionisíaco como “a mais alta afirmação”, “um grávido e alegríssimo sim para a vida”, isto é, a capacidade de afirmar a vida com alegria, sem reservas, envolvendo todos os aspectos e acontecimentos da existência, inclusive os mais estranhos, espinhosos e terríveis (Nietzsche, 2003, p. 84-85).

A estética-ética do trágico nietzschiano⁸ envolve o experimentalismo, o saber alegre (*gaya scienza*), o jogo, o humor, as mascaradas e a consciência da comédia da existência, o corpo como “fio condutor e interpretativo para todas as questões humanas” (Barrenechea, 2009, p. 43) e o riso curativo da grande saúde. Barrenechea, ao tratar do riso da grande saúde e da “saúde do riso” em Nietzsche, coloca:

Perante todas as vicissitudes vitais, perante todos os limites e dores da existência, perante todas as precariedades que levariam o homem a rejeitar a existência ou a cair em atitudes fracas, decadentes, seria fundamental cultivar a nossa capacidade de rir, de ter uma visão distanciada de todas as comédias e tragédias vitais. Essa capacidade lúdica e risível seria um sintoma claro de grande saúde (Barrenechea, 2014, p. 134).

A partir de uma abordagem da poética palhacesca sob o ângulo do trágico da afirmação da vida em Nietzsche, penso que a palhaça, o palhaço ao criar chances e saídas cômicas para a existência, as questões humanas e a si mesmo(a), pode atravessar e transfigurar o sombrio, o terrível e o doloroso, através do jogo, do experimentalismo criancieiro, da paródia e do lume do riso. Extraindo do acontecido ou vivido, por uma visada artística e cômica, um acontecimento gracioso que pode religar à “graça” da vida, mesmo com todas suas vicissitudes, tragicidades e imperfeições.

Ao tratar sobre a morte e confrontá-la no campo lúdico e poético da

⁸ Sobre tais noções relacionadas ao pensamento do trágico e dionisíaco da afirmação da vida em Nietzsche, também em associações com a poética da palhaçaria, conferir Olendzki (2019, p. 129-262).



palhaçaria, havia o desejo de, com isso, mobilizar os afetos e as vivências que podem nos tornar, palhaços(as) e público, mais próximos e desejantes da vida em toda sua potência e multiplicidade. Sair ainda mais vivo do contato com a morte é uma experiência de transformação, de poder tentar de novo, tendo a vida como derradeiro campo de criação e chance, para a qual é preciso ter vez e jogar. Com o exercício de um saber alegre em que o riso porta a força de reavaliação, transformação, recomeço e (re)criação na arte palhacesca e, também, na arte da existência.

No que diz respeito à arte do palhaço e da palhaça nos espetáculos da pesquisa, partimos de concepções e metodologias planejadas no campo do teatro, em que o palhaço ou a palhaça é concebida(o) como sendo uma criação pessoal e autoral da(o) *performer*, calcada na exploração e seletividade artísticas de aspectos irrisórios de si mesma(o). Neste sentido, se investe na “transposição pessoal” (Lecoq, 2003, p. 216) de qualidades e particularidades de cada pessoa para a composição poética da(o) palhaça(o), com sua expressividade, corporeidade, caracterização e comicidade próprias, também considerando traços do(a) palhaço(a) como arquétipo universal e tipo da tradição cômica popular⁹. Assim como, tendo palhaços e palhaças da história e da contemporaneidade como referências, que por sua vez se relacionam às experiências de formação, socialização, recepção de espetáculos e atuação profissional, em uma rede dinâmica de influências e tessituras de práticas e conhecimentos.

Na seara do(a) palhaço(a) concebido(a) e nominado(a) como “próprio(a)” e “pessoal” no campo do teatro, o repertório cênico, os esquetes e os espetáculos com diferentes formatos, também passam a ser (re)criados de forma autoral, com influências de procedimentos diversos de atuação e encenação das artes cênicas, o que envolve a arte dos palhaços circenses – com suas entradas, estruturas e roteiros dramatúrgicos para improvisação, *gags*, formas de atuação e jogo cênico que fundamentam bases e princípios da cena e da comicidade palhacescas.

Os espetáculos da pesquisa foram elaborados a partir de improvisações dos palhaços e palhaças sobre situações e acontecimentos que podem se dar em um

⁹ Cf. Bolognesi (2003, p. 197-198) sobre a síntese entre o único (subjeto) e o universal na construção do palhaço.

velório. Sem limitar-se à verossimilhança, podendo transitar entre o absurdo, o exagero e o onírico, inclusive revelando o insólito das ações cotidianas, tais como comer e beber (e embebedar-se) com os convivas (o público), festejar o encontro de entes queridos, pedir um brinde à vida, demonstrar o apreço pela falecida em uma disputa de quem sofre e chora mais ou mesmo a viúva que acaba encontrando um novo par amoroso no velório do marido. A partir de diversas improvisações foi sendo elaborada uma dramaturgia pautada nas ações e no jogo dos palhaços e palhaças, com seleção e encadeamento de situações na construção de um enredo e de uma fábula, tendo em conta a encenação e a atuação voltados para apresentação na rua. A atuação fundamentou-se no jogo e na improvisação, tendo como base a relação com o público e entre os(as) palhaços(as) jogadores, no desenrolar das ações e situações do espetáculo, levando em conta o que acontece (ou não) a cada momento e apresentação.

Figura 3 – Espetáculo Do Pó ao Poporopó: funeral clown (2014), em área aberta da Unicamp (SP). Foto: Natasha Mota.



A concepção do(a) palhaço(a) como pessoal e próprio(a) parte de preceitos inicialmente desenvolvidos por Jacques Lecoq (1921-1999) em sua Escola



Internacional de Teatro em Paris¹⁰, na década de 1960. Lecoq aponta uma significativa descoberta a partir dos malogros dos seus alunos e alunas em improvisações como palhaços e palhaças, pois desde aí perceberam que, quando estavam expostos, envergonhados, despeitados e abatidos, perante o fracasso de seus intentos em fazer rir, era quando desprestigiada e justamente faziam rir. Assim, constata Lecoq (2003, p. 212): “A descoberta de que uma debilidade pessoal podia se transformar em força teatral, foi de maior transcendência para colocar em questão uma aproximação personalizada dos *clowns* através da busca ‘de seu próprio *clown*’, o que se converteu em um princípio fundamental”.

A consideração do palhaço e da palhaça como sendo uma criação própria, singular, pessoal e autoral, o que também se estende à composição da cena ou do espetáculo, tornou-se um princípio recorrente em grande parte do trabalho desenvolvido na palhaçaria contemporânea na área teatral. Contudo, cabe questionarmos qual palhaço ou palhaça não é teatral, singular, autoral e pessoal também no circo e no circo-teatro brasileiros, em que se parte de legados e repertórios cênicos da tradição circense e da cultura popular, de um arsenal de fundo coletivo, passados de geração a geração por oralidade, imitação e prática de ofício, em constante dinamismo e sinergia com seu tempo, público, contexto cultural e artístico (Silva, 2009).

Dessa forma, impelindo uma revisão de nomenclaturas que desdobram (e fixam) conceitos acerca do palhaço e da palhaça planeados no campo do teatro, que, por um lado, pode revelar marcas de uma cultura colonial, eurocêntrica e de acepção burguesa a serem revistas; por outro, também pode identificar apropriações, hibridizações e (re)criações já diferenciadas das concepções e formas europeias de onde inicialmente descenderam. Neste contexto, cabe considerar o embate, as influências e os cruzamentos entre o erudito e o popular, entre “a palhaçaria e a palhaçada” (Bolognesi, 2017). Trata-se de uma revisão crítica e criativa que não faremos aqui por extravasar o escopo deste artigo.

Neste artigo, tenho o intuito de que as questões abordadas sobre a vida e a

¹⁰ A pedagogia de Lecoq na área da formação do ator com uso de máscaras, ênfase na expressividade do “corpo poético” (Lecoq, 2003, p. 147) e na improvisação, insere-se no contexto de reteatralização do teatro no século XX na Europa, com a concepção e a instrumentalização de atores e atrizes como sendo criadores da poesia cênica e teatral.

morte possam de alguma forma tocar palhaços e palhaças, com diferentes modos de pensar e fazer a arte palhacesca, em sua pluralidade de formas na contemporaneidade, em distintos campos das artes da cena (circo, circo-teatro, teatro, palhaçaria feminista, cultura popular) e da atuação palhacesca com públicos em contextos específicos (hospital, zonas de conflito, asilos geriátricos, etc.).

Sobre a morte e a vida (nas experimentações palhacescas relacionadas à pesquisa)

A cultura ocidental de raiz judaico-cristã encara a morte com negatividade, temor e rechaço. Ainda que, o cristianismo e o catolicismo apresentem um deus crucificado e morto (como símbolo de salvação e expiação) e preguem o verdadeiro paraíso e o regozijo apenas em um além-mundo, além da vida, após a morte. Na perspectiva crítica nietzschiana, o trabalho da moral, das religiões e da metafísica, na invenção de um mundo ideal ou de um além-mundo, conota a invenção de valores categóricos fundados no pessimismo e na negação deste mundo e desta vida, que, então, para ser suportada e aceita precisa ser melhorada ou justificada para além de si mesma. Conforme analisa Barrenechea:

Era preciso que os filósofos, os moralistas, os religiosos criassem um sentido, um objetivo para justificar a existência, pois esses indivíduos ascéticos, que rejeitavam a vida, sustentavam que o viver não tinha sentido em si mesmo. Eles argumentavam que as dores do mundo, a finitude, a morte, todos os aspectos trágicos demonstravam a inconsistência da vida, a sua insuficiência. Por isso, a existência precisava sempre de uma justificativa alheia: o viver era colocado na dependência de um fator extrínseco. [...] Em suma, todos os “melhoradores da humanidade”, inclusive os referidos trágicos da seriedade, torturam o homem com o peso de valores ultramundanos, com o peso de concepções que depreciaram o corpo, os instintos, as forças espontâneas. Nessa concepção prescritiva, a vida foi interpretada como uma *meditatio mortis*, apenas como uma meditação demorada para que o homem pudesse conquistar uma bela morte, e assim conseguisse voltar ao seu pretense lugar originário: o além (Barrenechea, 2014, p. 128-129).

Por outro lado, os novos paradigmas científicos racionalistas, a biomedicina e a biotecnologia investem na perduração da vida e na possibilidade de sobrevidas,

podendo estear a morte em vida, com a vida de mortos-vivos. Em uma espécie de dessacralização ou coisificação da vida – e da morte – concebida e limitada ao biológico e ao registro clínico (Giacoia, 2005). Rubem Alves (2003), em uma crônica intitulada *Sobre a morte e o morrer* questiona a penúria de uma sobrevivência, dependente dos recursos da medicina, perdurada nos limites de um estado de morto-vivo do corpo: “Mas o que é a vida? Mais precisamente, o que é a vida de um ser humano? O que e quem a define? [...] A vida humana não se define biologicamente. Permanecemos humanos enquanto existe em nós a esperança da beleza e da alegria”.

Bukowski, em sua produção literária nos últimos anos que precederam a sua morte por leucemia, com mais de setenta anos, “dançando com a morte” a “morder seus calcanhares”, em registros diarísticos, publicados *post mortem*, escreveu:

A maioria das pessoas não está pronta para a morte, a sua ou a dos outros. Ela as choca, as apavora. É como uma grande surpresa. Diabos, não deveria ser nunca. Levo a morte em meu bolso esquerdo. Às vezes, tiro-a do bolso e falo com ela: “Oi, gata, como vai? Quando virá me buscar? Vou estar pronto”. Não há nada a lamentar sobre a morte, assim como não há nada a lamentar sobre o crescimento de uma flor. O que é terrível não é a morte, mas as vidas que as pessoas levam ou não levam até a sua morte. Não reverenciam suas próprias vidas [...]. Suas mentes estão cheias de algodão. Engolem Deus sem pensar, engolem o país sem pensar. Esquecem logo como pensar, deixam que os outros pensem por elas. Seus cérebros estão entupidos de algodão. [...] A maioria das mortes das pessoas é uma empulhação. Não sobra nada para morrer. [...]. Uma coisa que a morte não suporta é que você ria dela. O verdadeiro riso ganha a maior das apostas (Bukowski, 2003, p. 8).

Se há alguma coisa importante sobre a morte ou sobre o riso “que ganha a maior das apostas”, é uma questão que, naturalmente, importa ou compete aos que vivem. Afinal é sempre aos que permanecem vivos que a morte se dirige. Ainda são os vivos que podem rir, chorar e (re)agir diante da morte na vida, na ação no presente capaz de erigir um novo porvir.

A experiência da morte aos que permanecem vivos, geralmente, é cheia de dor, trauma e tristeza. Inclusive, o sentido comum de trágico e de tragédia envolve a morte ou sua iminência terrífica, implacável e negativa. A morte desnuda o bicho humano e deixa evidente a nossa condição frágil, efêmera e transitória. A morte



pode revelar aos que vivem a importância dos ínfimos momentos, encontros e acontecimentos de nossa breve existência, em que talvez se possa perceber e aprender que a vida em si mesma é boa. A morte sempre traz questões sobre o sentido da vida ou como estamos vivendo. Sobre o que aconteceu, acontece e como será daqui em diante?

A morte é uma espécie de fissura no vivo, e o riso também. Porém, o riso é fissura da passagem dos fluxos do humor, das seivas da vida, pela lâmina escrutinadora do espírito cômico. O desenrijecer das carnes vivas pelo sopro e ânimo do riso, que vem do baixo ventre, que areja e alia a consciência às tripas, ligado ao saber alegre, corporal, paródico e grotesco. O baixo ventre da sexualidade, da digestão, do “obrar”, do sacudir do riso vital que desestabiliza as estruturas rígidas, os padrões fixos, as ordenações categóricas. “É o baixo ventre que impede o homem de considerar-se um deus” (Nietzsche, 2005, p. 69).

Como já mencionado, nos espetáculos da pesquisa de doutorado, o tratamento da morte se aliou à perspectiva ética e estética da afirmação da vida em Nietzsche. Tendo em vista que, na concepção singular desse filósofo, o trágico dionisíaco trata da afirmação da vida em todos em seus aspectos, positivos e negativos, em que tudo o que acontece e devém, incluindo toda sorte de tragicalidades, dores e sofrimentos, são tidos como necessários. Sendo que, sobretudo, a afirmação da vida está essencialmente relacionada à transfiguração do acontecido e do vivido, em recriações e transformações, em uma estética da existência. Ainda, para Nietzsche, a afirmação trágica e dionisíaca da vida em sua totalidade aporta um riso extraordinário e curativo, uma alegria trágica que não se exime dos aspectos duros e graves do viver, com a aquisição e o exercício de um saber alegre e a capacidade de uma visada cômica e paródica da existência.

Em tempos atuais, em que a morte é banalizada, portanto a vida; em que morrer e matar são cada vez mais assentes e naturalizados, todo o cuidado é pouco quando se trata da “aceitação” da morte como parte da vida. Ainda mais, em uma época em que o niilismo contemporâneo, a falta de sentido em viver, o desprezo pela vida, a depressão e o suicídio são sintomas recorrentes da sociedade atual, em todas as camadas sociais e nas mais variadas faixas etárias.

Figura 4 – Espetáculo - *Do Pó ao Poporopó: funeral clown* (à esquerda), na foto Pochó (Taiane Raffa). Foto: Natasha Mota.



Figura 5 – Espetáculo *Pesa-me Mucho* (2015), com Querubina (Luciane Olendzki). Foto: Natasha Mota.





No contexto da pandemia no país, novamente a morte, portanto a vida, se pôs como questão para mim como palhaça e pessoa. Porém, além da abordagem da morte como parte inerente à vida, junto de uma concepção filosófica acerca do problema trágico da existência, inseria-se um questionamento político sobre a morte, considerando o contexto macrosocial de domínio e subjugo da vida pelo poder político-econômico de matar.

A pandemia no país mostrou-se como um campo de proliferação de mortos, “velados” e numerados, que não deixavam de soterrar os que podiam ou conseguiam permanecer vivos e ainda respirar. Com imagens de cenas reais que remetiam a um campo de concentração de um nazismo contemporâneo, tais como as valas comuns abertas para enterrar nossos mortos, de tantos que eram, na expansão das áreas dos cemitérios¹¹ sobre as cidades. Pessoas mortas enterradas em valas coletivas¹², como ocorreu na cidade de Manaus (AM) sob administração de um governo negacionista de direita e aliado ao ex-presidente Jair Bolsonaro, em que a população foi feita de cobaia do “Kit-Covid” (cloroquina e ivermectina) e da imunidade de rebanho (contágio e infecção em massa por Covid-19¹³), chegando ao terror da falta de oxigênio para pacientes internados(as) nos hospitais e que, por isso, morreram por asfixia, em janeiro de 2021. A falta de oxigênio se deu devido à prevaricação, desvio de verba pública, licitações ilegais e crimes contra humanidade envolvendo o Ministério da Saúde¹⁴, no período sob a responsabilidade do general Eduardo Pazuello (que desconhecia o que era o Sistema Público de Saúde/ SUS ao ser nomeado para o cargo¹⁵).

¹¹ Cf. <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/03/com-300-mil-mortos-por-covid-no-pais-fotos-mostram-expansao-veloz-de-cemiterio.shtml>> e <<https://bncamazonas.com.br/municipios/maior-cemiterio-manaus-antes-depois-pandemia/>>. Acesso em: 19 jan. 2023.

¹² Cf. <<https://www.brasildefato.com.br/2020/04/21/com-aumento-das-mortes-manaus-enterra-vitimas-da-covid-19-em-valas-coletivas>>. Acesso em: 19 jan. 2023.

¹³ Cf. <<https://www.brasildefato.com.br/2021/06/07/imunidade-de-rebanho-por-contagio-a-ideia-errada-que-seduziu-a-extrema-direita>>. Acesso em 19 jan. 2023.

¹⁴ Cf. <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2022/10/27/crise-do-oxigenio-por-que-houve-colapso-e-o-que-a-ex-de-pazuello-revelou.htm>>. Acesso em: 19 jan. 2023.

¹⁵ Cf. <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/10/07/nem-sabia-o-que-era-sus-diz-ministro-da-saude-em-lancamento-de-campanha.htm>>. Acesso em: 19 jan. 2023.

Figura 6 – Valas abertas em cemitério de Manaus (AM) durante a pandemia em abril de 2020.



Fonte: frame do vídeo-reportagem do Washington Post, de 24 de abril de 2020.¹⁶

Figura 7 e 8 – Valas no cemitério da Vila Formosa (SP), em março de 2020. Fotografias da série Necropoli(s)tics, de Leonardo Finotti.



Fonte: Artreview (2021).¹⁷

A terra escavada para engolir à força as pessoas mortas pelas políticas de morte. Terra-mãe tornada campo mortuário e de extermínio, ela mesma devastada e exaurida. A terra que emitiu suspiros sonoros, exalando o ar das

¹⁶ Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/world/the_americas/coronavirus-brazil-testing-bolsonaro-cemetery-gravedigger/2020/04/22/fe757ee4-83cc-11ea-878a-86477a724bdb_story.html>. Acesso em: 19 jan. 2023.

¹⁷ Disponível em: <<https://artreview.com/war-without-end-death-drive-bolsonaro-brazil-necropolitics-mbembe/>>. Acesso em: 19 jan. 2023.



memórias inumanas. Quem ouviu a terra¹⁸ temeu que fosse o anúncio do fim do mundo, as trombetas do apocalipse, no abril de 2020 da pandemia. “E a terra com todas as partes entreabertas e mostrando áridos segredos. Segredos como superfícies. A terra e seus nervos e suas pré-históricas solidões, a terra de geologias primitivas, onde se descobrem os sopés do mundo numa sombra negra como carvão” (Artaud, 2004, p. 193).

A pandemia de Covid-19 acirrou ainda mais as desigualdades sociais, com o crescimento da pobreza, a perda de trabalho e fonte de renda, o aumento de pessoas em insegurança alimentar, o adoecimento e a morte – danos que acometeram diretamente as populações mais pobres e desassistidas em direitos básicos de vida. Soma-se a esses fatores, a inviabilidade do isolamento social dos(as) que precisaram manter ou buscar toda sorte de prestação de serviços, a fim de prover meios para sobrevivência, em um quadro de exploração capitalista-escravocrata e de reificação do(a) trabalhador(a). No Brasil, morreram mais não-brancos(as) (pessoas pretas, pardas e indígenas)¹⁹ de infecção por Covid-19, devido às disparidades de acesso à assistência sanitária e aos serviços de saúde, às condições do lugar de habitação (agrupamento de moradores, falta de saneamento básico) e à impossibilidade de isolamento social, com maior exposição ao vírus.

O contexto pandêmico escrachou a gestão da vida e da morte pelo Estado, que opera com alvo sobre raça, classe social e topografia – o que Mbembe (2016) analisa ao tratar acerca da necropolítica exercida pelo Estado em seu direito soberano e poder de matar, na divisão de quem pode viver e quem deve morrer. Entendendo aí soberania como “a capacidade de definir quem importa e quem não importa, quem é “descartável” e quem não é” (Mbembe, 2016, p. 135).

Covid-19 (*Coronavirus Disease* 2019), uma doença causada pelo vírus SARS-CoV-2 (Síndrome Respiratória Aguda Grave), em que se morre por insuficiência respiratória, falta de ar. Também, falta ar quando pessoas pretas clamam “eu não

¹⁸ Sobre os sons ouvidos em várias partes do Brasil e do mundo, cf. <<https://bhaz.com.br/noticias/variedades/barulho-ceu-madrugada/>>. Acesso em: 20 jan. 2023.

¹⁹ Cf. Souza, 2021; Santos, HLP et al, 2020 e Velleda, 2023.



consigo respirar” ao serem assassinadas²⁰ pelo racismo estrutural e operante da necropolítica de Estado, pelo braço violento da polícia e sob a indiferença da sociedade branca. Falta ar, não há braços e nada mais que possa suportar a perda e a queda pelo ar do menino Miguel²¹, em junho de 2020, no edifício de luxo, onde sua mãe trabalhava em plena pandemia como diarista e sua patroa “empurrou” o menino sozinho ao elevador. Eliane Brum (2020), ao tratar das violências e desigualdades sociais fundadas no racismo, também considerando a necropolítica na pandemia, afirma que “sem exterminar o racismo, o ar seguirá faltando”, sendo necessário que cada branco(a) “tire imediatamente o seu joelho do pescoço de um negro, o que significa perder privilégios e dividir os espaços de poder em todas – absolutamente todas – as áreas”²².

Falta ar quando a devastação ambiental pelo extrativismo predatório e criminoso aumentou ainda mais na pandemia, com o extermínio da terra, de seus biomas, das populações tradicionais e indígenas, com endosso do governo extremista de Bolsonaro ao garimpo ilegal, à grilagem e à usurpação de terras pelo agronegócio, junto do desmonte dos órgãos de fiscalização e defesa ambiental. Nos quatro anos do governo Bolsonaro, a devastação ambiental aumentou exponencialmente nas áreas do Cerrado e da Mata Atlântica (com incêndios criminosos no Pantanal). Tendo sido registradas as maiores taxas anuais de desmatamento da floresta amazônica, “pulmão do mundo”, pelo sistema PRODES – Monitoramento da Floresta Amazônica Brasileira por Satélite do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INEP).

Na reportagem *Por que os garimpeiros comem as vaginas das mulheres*

²⁰ Frase dita por George Floyd, ao ter seu pescoço pressionado por mais de oito minutos pelo joelho do policial Derek Chauvin, em 25 de maio de 2020, em Mineápolis (EUA). Eric Garner repetiu por onze vezes a mesma frase, em 17 de julho de 2014, antes de ser estrangulado pelos braços do policial Pantaleo em um golpe de imobilização, em Nova York. João Alberto Silveira Freitas, foi espancado e depois sufocado pelo peso dos corpos de dois seguranças do supermercado Carrefour em Porto Alegre/RS em 19 de novembro de 2020. Cf. <<https://www.brasildefato.com.br/2020/11/21/racismo-e-morte-no-carrefour-sao-a-ponta-de-um-iceberg-envolvendo-multinacionais>>. Acesso em: 15 jan. 2023.

²¹ Cf. <<https://g1.globo.com/pe/peernambuco/noticia/2022/06/01/caso-miguel-a-queda-de-menino-do-9o-andar-que-levou-a-condenacao-da-patroa-da-mae-dele-por-por-abandono-de-incapaz.ghml>>. Acesso em: 15 jan. 2023.

²² Cf. <<https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-06-03/tirem-os-joelhos-brancos-dos-pescocos-negros.html#?rel=mas>>. Acesso em: 17 jan. 2023.



*Yanomami?*²³ de Talita Bedinelli, em setembro de 2022, é mostrada e denunciada uma realidade estarrecedora sobre o massacre das comunidades indígenas do território Yanomami nos estados de Amazonas e Roraima, com o descaso genocida do governo neofascista de Bolsonaro, complacente com a invasão do garimpo ilegal, que causa alto índice de envenenamento por mercúrio, estupro de crianças e mulheres indígenas, além da disseminação de doenças, com mortes que poderiam ser evitadas se houvesse um sistema de atendimento de saúde com estrutura e medicamentos, ainda mais a fome e a desnutrição que abatem o povo Yanomami, em pleno extermínio ambiental, cultural e humanitário.

Quem vê, quem sente? Quem chora ou ri? Quem consente?

Safatle (2020), ao analisar a política fascista empregada no governo de Bolsonaro, com sua força fundada na promoção da morte e da (auto)destruição, caracterizou o Estado como “suicidário”, no avanço do neoliberalismo associado à necropolítica, como gestor da morte e do desaparecimento (tão bem executado pela ditadura militar). Sobre as mortes, ou melhor, o deixar morrer na pandemia, com “indiferença assassina” e programada, analisa:

Até bem pouco tempo, o país dividia seus sujeitos entre “pessoas” e “coisas”, ou seja, entre aquelas que seriam tratados como pessoas, cuja morte provocaria luto, narrativa, comoção e aqueles que seriam tratados como coisas, cuja morte é apenas um número, uma fatalidade da qual não há razão alguma para chorar.... A população é apenas o suprimento descartável para que o processo de acumulação e concentração não pare sobre hipótese alguma (Safatle, 2020, p. 5).

Os ritos funerários de todas as raças, etnias, culturas e religiosidades foram solapados pelas medidas e protocolos de biossegurança, com a administração pública hospitalar e funerária dos corpos das pessoas mortas, com as quais as famílias não podiam ter contato, sem sequer um último e único toque de uma despedida para sempre. Visto que, toda pessoa morta por Covid-19 era tida como um campo vivo e de alto contágio do vírus SARS-CoV-2. O vírus continuava vivo no morto, explicitando a mácula desta doença que impõe a separação, o corte, o fechamento, o afastamento, o isolamento, o manter-se longe – em que o outro

²³ Cf. <<https://sumauma.com/por-que-os-garimpeiros-comem-as-vaginas-das-mulheres-yanomami/>>. Acesso em: 19 jan. 2023.



realmente passa a ser um risco e uma ameaça de morte, apenas por sua presença próxima.

No contexto da pandemia, o povo Yanomami clamou pela realização dos seus ritos funerários, pelo direito de seus mortos (e vivos), conforme sua sociocosmologia que implica o equilíbrio vital e a saúde da comunidade baseados na relação entre vivos e mortos. Os enterros compulsórios dos(as) Yanomami que vieram à óbito por Covid-19²⁴ ocorreram sem a autorização da comunidade, sem quaisquer informações dos sistemas hospitalares e funerários, com o desaparecimento dos corpos, assim causando o cerceamento do direito do luto e a possibilidade da realização do ritual funerário *reahu*²⁵.

Para o povo Yanomami, o enterro dos seus mortos, ainda mais fora de suas aldeias, faz com que estes permaneçam forçosamente presos à terra como *pore* (alma-fantasma), sendo um ato infame e violento tanto para os vivos, quanto para os mortos. Com isso, os vivos ficam em “luto estendido”, sob “os maus tratos da saudade e dos *pore*” (Silva; Estellita-Lins, 2021, p. 15). Trata-se de uma situação torturadora, em que não se deixa viver, nem morrer, na qual este povo originário é relegado a um total sem-lugar, destituído dos lugares, ligações e limites entre a morte e a vida.

Para além das questões acerca da necessidade dos protocolos de biossegurança na inumação dos mortos por Covid-19, terrivelmente aí, mostra-se também as violências do sistema de poderes que se impõem a partir de um conhecimento categórico e forjado (como universal e absoluto), pautado nos valores da sociedade branca ocidental e colonialista, em extermínios evidentes que vão além da morte física, envolvendo também o epistemicídio, a dizimação dos aspectos simbólicos, espirituais, históricos e culturais, em processos de desumanização e inferiorização dos povos com culturas, sociocosmologias, saberes, práticas e modos de existência diversos e próprios.

²⁴ Cf. <<https://brasilelpais.com/brasil/2020-06-24/maes-yanomami-imploram-pelos-corpos-de-seus-bebes.html>>. Acesso em: 19 jan. 2023.

²⁵ O ritual *reahu* possui várias etapas até a cremação e a guarda das cinzas do ente morto em uma cabaça, após se chora o morto em uma celebração coletiva, em que as cinzas são enterradas ou ingeridas em mingau de banana, durante o momento do *reahu* propriamente dito (Cf. Silva; Estellita-Lins, 2021).



O ex-presidente da República e seu governo de extrema direita foram escandalosamente exemplares no exercício de políticas de morte, conforme o que Mbembe (2016, p. 129) trata como representativo de um Estado nazista: o poder e o direito de matar pela combinação de características de Estado racista, Estado assassino e Estado suicida. Bolsonaro atuou como miliciano do neocapitalismo colonial, o “imbrochável”²⁶ abusador da matéria-nação brasileira, messias do negacionismo, capitão do descaso com os protocolos sanitários, do descrédito e da obstaculização da pesquisa científica para a descoberta de imunizantes no país, do retardo da vacinação, do uso do “tratamento precoce” com “Kit-Covid” sem eficiência comprovada, da defesa da imunização de rebanho – em prol do mercado e da economia, como “bens” prioritários e mais importantes do que a vida. Um contexto regido por uma necropolítica nefasta que subjuga a vida ao poder da morte, do matar e morrer, em uma inversão de valores em que a legitimação e a banalização da morte e da matança suplantam, sufocam, excluem, exterminam, adoecem, assassinam vidas e a Vida (como potência criadora, multiplicidade, valor principal e inextirpável).

O que podemos com Ars (arte) palhacesca diante de tanto sufoco, de tanta falta de ar? Sem salvar, sem prometer, sem heroísmo – somos só palhaços e palhaças, nada mais. Como, com o riso e o jogo palhacesco, potencializar e afirmar a vida com alegria, sem se eximir das dores, negatividades e tragicidades das questões humanas e do nosso tempo? Para não sucumbir, ao menos, e aliançar-se à vida, com responsabilidade ética, social e artística, e poder ter o respiro e a oxigenação do riso.

No carnaval de fevereiro de 2021, no período de isolamento social na cidade de Porto Alegre (RS), realizei o esquete *Quero Matar a Saudade*, em formato de vídeo, para ser acessado *online*, concebido por mim e realizado com minha família. Na véspera da filmagem, foi decretado bandeira preta (grau de risco máximo de contágio por Covid-19) e *lockdown* em grande parte do Rio Grande do Sul pelo governo estadual. O sistema de saúde de várias regiões estava colapsado pela superlotação dos hospitais com infectados(as) por Covid-19. Na data, contabilizava-se 246 mil mortes notificadas no país, sendo que, em abril de 2020,

²⁶ Cf. < <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62795997> >. Acesso em 22 jan. 2023.



o então presidente, ao ser questionado pelo crescente número de mortes ainda no período inicial da pandemia, disse em entrevista: “– E daí?” ; “– Vai morrer gente? Vai morrer gente! [...] vão morrer, lamento, essa é a vida”²⁷.

“E daí” que chegamos a quase 700 mil pessoas mortas, sendo o país com o segundo maior número de mortes²⁸ notificadas por Covid-19 depois dos Estados Unidos da América. Além das mortes dos biomas por desmatamento, extrativismo criminoso e predatório, do massacre dos povos ribeirinhos, da floresta e do cerrado, das mortes e assassinatos por racismo, por feminicídio, por transfobia e homofobia, por chacinas das forças policiais e milícias nas favelas, por porte de armas dos “cidadãos de bem”, por fome e miséria.

Em *Quero Matar a Saudade*, uma composição experimental, a palhaça Querubina se depara com a proliferação de mortos no espaço vazio e sem público, na roda de atuação na rua. Entre o carnaval e o funeral, entre o sonho e a realidade, entre os que morrem e os que matam, dados e vestígios documentais do presente do contexto pandêmico, do qual a palhaça é alheia, atravessam a cena. Dentre os quais, consta a minimização e a chacota de Bolsonaro ao se referir à Covid-19 como “uma gripezinha, um resfriadinho!”, em contraponto ao apelo real e desesperado feito pela psicóloga Talitha Rocha²⁹, quando faltou oxigênio nos hospitais de Manaus, em que ela clamou por ajuda em vídeo postado nas redes sociais. Em uma das cenas do esquete, a Morte, personagem alegórica, lê um jornal impresso com manchetes verídicas do período: “A economia não pode parar”; “Empresariado quer agilizar a imunização”; “Avanço da Covid leva 11 regiões à bandeira preta no RS”; “Aulas presenciais com segurança”; “Praias tem aglomerações em festas de carnaval”.

No esquete, o encontro inesperado da palhaça Querubina com a Morte se dá em um jogo de baile e perseguição cômica. Até que a Morte abraça apertadamente a palhaça que esmaece e tomba em câmera lenta. Uma criança, o filho da palhaça, entra em cena e assusta a Morte, com a inocência e o prazer da brincadeira infantil.

²⁷ Cf. <<https://www.poder360.com.br/coronavirus/2-anos-de-covid-relembre-30-frases-de-bolsonaro-sobre-pandemia/>>. Acesso em 22 jan. 2023.

²⁸ Cf. <<https://news.google.com/covid19/map?hl=pt-BR&gl=BR&ceid=BR%3Apt-419>>. Acesso em: 22 jan. 2023.

²⁹ Cf. <<https://www.youtube.com/watch?v=yaSfqaqLKfA&t=2s>>. Acesso em: 22 jan. 2023.

Após, a criança vai até a mãe-palhaça, que ainda tomba, e lhe oferece uma grande flor e abraço. Com isso, ela recobra a vida, voltando ao jogo junto com o pequeno filho-palhaço, agora com nariz vermelho – máscara de proteção vestida nele pela mãe. Ao fim, ambos escapam da Morte, enquanto esta contempla a grande flor deixada pela palhaça. Aí, a criança também atua como símbolo e presença do futuro-presente, da coragem da alegria, da brincadeira, da inocência, da leveza e do recomeçar no jogo da criação, para os quais é necessário dizer-fazer um sagrado sim.

Quero Matar a Saudade foi um novo enfreteamento como palhaça com a morte, ainda, numa perspectiva de fundo, aliada à afirmação da vida, buscando a contrapartida do riso sobre o que vai contra a vida, a nega e a subtrai. Em transpassagem pelo terrível, em transfiguração e re-existência com amor à vida e por sua potencialização, no desejo criativo de saídas alegres e novos futuros em jogo na arte palhacesca.

Figura 9 – *Quero Matar a Saudade* (2021), esquete em vídeo com acesso *online*³⁰.
Foto: Paulo Rosa Santos.



³⁰ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KgU-YtuGSW0>>. Acesso em 28 jan. 2023.



Me pergunto, como palhaça, o que posso contra o que oprime, deprime, entristece, despotencializa, (nos) mata? O que podemos, como palhaços, palhaças, palhaces, diante do terrível e do intolerável? Com quais papéis e inserções sociais? Com quais formas, comicidades e potências intempestivas aliançadas com os tipos cômicos da história e da genealogia da arte palhacesca na contemporaneidade? Quais risos e tipos de humor diante das questões do presente, da vida e da morte – tanto diante do que (nos) faz viver com potência e alegria, quanto do que e de quem mata ou amortece?

Estas são questões para as quais não tenho resposta. São questões direcionadas à criação poética e experimental como palhaça, junto de avaliações sobre o que, como, com e para quem criar, a favor da vida. Que, por meio da poética palhacesca, se possa mobilizar as forças dionisíacas – geradoras, excessivas, transformadoras e curativas – onde o “sem sentido e feio parece como que permitido”, podendo abarcar “todo o questionável e mesmo terrível”, em virtude de um excedente de forças vitais, “capaz de transformar todo deserto em exuberante pomar” (Nietzsche, 2001, p. 273), no pendor das palhaças, palhaços e palhaces para o eterno jogo de recomeçar, de refazer(-se) incessantemente, no movimento contínuo de (re)criação. Com o riso como potência vital necessária às novas criações, aos experimentos, aos jogos de montar e desmontar na arte palhacesca, que não se separa da vida, no plano po-ético que também atua na realidade, no presente e em relação com o público.

O riso da afirmação da vida não se coaduna com um ideal para o futuro ou para a humanidade, tampouco com qualquer utopia, e nada relega à posteridade. O riso trágico, afirmativo e dionisíaco é imanente ao riso da terra, ao riso da vida. Cultivemos o riso da terra.

Vivemos um momento em que a estupidez humana é nossa maior ameaça. Palhaços não transformam o mundo, quiçá a si mesmos. E nós, palhaços, tontos, bobos, bufões, que levamos a vida a mostrar toda essa estupidez, cansamos.

O palhaço é a expressão da alegria. Palhaço é a expressão da vida no que ela tem de instigante, sensível, humana. A alegria que o palhaço realiza a cada momento de sua ação, contribuindo para estancar, por um momento que seja, a dor no planeta Terra.

O palhaço é a única criatura no mundo que ri de sua própria derrota. E ao agir assim, estanca o curso da violência. Os palhaços ampliam o riso



da Terra. Por esse motivo, nós, palhaços do mundo, não podemos deixar de dizer aos homens e mulheres de nosso tempo, de qualquer credo, de qualquer país: cultivemos o riso.

Cultivemos o riso contra as armas que destroem a vida. O riso que resiste ao ódio, à fome e às injustiças do mundo. Cultivemos o riso. Mas não o riso que discrimine o outro pela sua cor, religião, etnia, gostos e costumes. Cultivemos o riso para celebrar as nossas diferenças. Com o riso que seja como a própria vida: múltiplo, diverso, generoso [...].³¹

Referências

ALVES, Rubens. Sobre a morte e o morrer. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 12 out. 2003. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz1210200309.htm>. Acesso em: 17 mai. 2022.

ARTAUD, Antonin. *Linguagem e vida*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BASCIANO, Oliver. War without end: the necropolitics of Bolsonaro's Brazil. In: *Artreview, Opinion*, 15 abr. 2021. Disponível em: <https://artreview.com/war-without-end-death-drive-bolsonaro-brazil-necropolitics-mbembe/>. Acesso em: 19 jan. 2023.

BARRENECHEA, Miguel Angel de. *Nietzsche e o Corpo*. Rio de Janeiro: 7letras, 2009

BARRENECHEA, Miguel Angel de. *Nietzsche e a alegria do trágico*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

BEDINELLI, Talita. Por que os garimpeiros comem as vaginas das mulheres Yanomami? *Sumaúma Jornalismo do Centro do Mundo*, 13 set. 2022. Disponível em: <https://sumauma.com/por-que-os-garimpeiros-comem-as-vaginas-das-mulheres-yanomami/>. Acesso em: 19 jan. 2023.

BOLOGNESI, Mário Fernando. *Palhaços*. São Paulo: UNESP, 2003.

BOLOGNESI, Mário Fernando. *Uns fazem palhaçadas; outros, palhaçaria* (2017). Disponível em: <https://edicoescircos.sescsp.org.br/2017/blog/uns-fazem-palhacadas-outros-palhacarias/index.html>. Acesso em: 10 jan. 2023.

BOLOGNESI, Mário Fernando. O palhaço e os esquetes. *Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas*, Florianópolis, v. 1, n. 9, p. 087-095, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573101092007087>. Acesso em: 25 jan. 2023.

BRUM, Eliane. Tirem os joelhos brancos dos pescoços dos negros. *El País*, 12 jun. 2020. Opinião. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-06-03/tirem-os->

³¹ Trecho da “Declaração do Riso da Terra – Carta da Paraíba”, escrito pelos palhaços e palhaças participantes do I Encontro Mundial de Palhaços – Riso da Terra (PA/ JP), em 02 dezembro de 2001, com realização e curadoria de Luiz Carlos Vasconcelos (palhaço Xuxu), no qual participei com o espetáculo Firuliche, como integrante do grupo homônimo de palhaças de POA/RS.



[joelhos-brancos-dos-pescocos-negros.html#?rel=mas](#)>. Acesso em: 17 jan. 2023.

BUKOWSKI, Charles. *O capitão saiu para o almoço e os marinheiros tomaram conta do navio*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2003.

GIACOIA, Oswaldo. A visão da morte ao longo do tempo. In: *Simpósio Morte: valores dimensões*, capítulo I. Medicina (Ribeirão Preto), 2005; 38 (1): p. 13-19.

LECOQ, Jacques. *El cuerpo poético: una pedagogia de la creación teatral*. Barcelona: Alba, 2003.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. *Revista Arte & Ensaios*, n. 32, 2016, p. 122-151.

MCCOY, Terence; TRAIANO, Heloisa. Limits on coronavirus testing in Brazil are hiding the true dimensions of Latin America's largest outbreak. In: *The Washington Post/ Democracy Dies in Darkness*, 24 abr., 2020. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/world/the-americas/coronavirus-brazil-testing-bolsonaro-cemetery-gravedigger/2020/04/22/fe757ee4-83cc-11ea-878a-86477a724bdb_story.html>. Acesso em: 19 jan. 2023.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce homo: de como a gente se torna o que a gente é*. Porto Alegre: L&PM, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Trad. Mário Silva – 14ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

OLENDZKI, Luciane. *Máscaras em uma patética-poética por rir*. 2009. 220 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Porto Alegre (RS), 2009.

OLENDZKI, Luciane. *O trágico alegre e a afirmação da vida na poética do palhaço: exercícios e composições clownescas*. 2019. 413 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena, Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 2019.

OLENDZKI, Luciane. *Quero matar a saudade* – esquete online. Direção e produção: Luciane Olendzki. Porto Alegre, 30 de maio de 2021. Gravação e edição de vídeo: Paulo Rosa Santos. Formato mp4. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KgU-YtuGSW0>>. Acesso em 28 jan. 2023.

SAFATLE, Vladimir. *Bem-vindo ao estado suicidário* (2020). Disponível em: <<https://www.n-1edicoes.org/textos/23>>. Acesso em: 11 jan. 2023.

SANTOS, Hebert Luan Pereira Campos dos et al. Necropolítica e reflexões acerca da população negra no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil: uma revisão bibliográfica. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 25, 2020, p. 4211-4224.



SILVA, Ermínia. Circo-Teatro é teatro no circo. In: *Revista dos Anjos do Picadeiro 7: Encontro Internacional de Palhaços*. Editora: Ieda Magri. Rio de Janeiro: Teatro de Anônimo Petrobrás, maio de 2009, pp. 32-51. Disponível em: <<https://www.circonteudo.com/circo-teatro-e-teatro-no-circo-2/>>. Acesso em: 1 abr. 2022.

SILVA, Marcelo Moura; ESTELLITA-LINS, Carlos. A xawara e os mortos: os Yanomami, luto e luta na pandemia da Covid-19. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 27, n. 59, p. 267-285, jan./abr. 2021.

SOUSA, C. R. de M. A pandemia da COVID-19 e a necropolítica à brasileira. *Revista de Direito*, [S. l.], v. 13, n. 01, p. 01-27, 2021.

VASCONCELOS, Luiz Carlos et al. *Declaração do Riso da Terra* – Carta da Paraíba, escrito pelos palhaços e palhaças participantes do I Encontro Mundial de Palhaços – Riso da Terra (PA/ JP), em dezembro de 2001.

VELLEDA, Luciano. Porto Alegre foi a capital com a maior taxa de mortalidade de pretos por Covid-19 em 2020. In: *Sul* 21, 18 jan. 2023. Disponível em: <<https://sul21.com.br/noticias/saude/coronavirus/2023/01/porto-alegre-foi-a-capital-com-a-maior-taxa-de-mortalidade-de-negros-por-covid-19-em-2020/>>. Acesso em: 22 jan. 2023.

Recebido em: 30/01/2023

Aprovado em: 17/04/2023